

investimento credibilidade é o melhor



# CARTA MENSAL

Julho de 2021

**Carta Mensal | Julho21 | Um despertar para valores necessários em qualquer momento!**

Caros leitores, traremos aqui os principais pontos ocorridos no mês e que entendemos ser oportuno de alguma forma discorrer. No Brasil, o que não faltam como sempre são “focos de incêndio”. Aqui até caixa d’água pega fogo! Na Capital Federal então, nem me fale! De déficit fiscal à arrecadação federal, passando por reforma tributária, “din-din do fundo” e tributação de dividendos, tivemos quase um pouco de tudo. Brasil, sempre Brasil. Isso sem falar de assuntos como “governabilidade”, entre outros tantos. Aqui, nessa pátria mãe gentil, não há “almoço grátis” mesmo!

Assim, o referido mês começou com a divulgação de dados da produção industrial brasileira, que subiu 1,4% em maio em relação a abril, 24% superior ao mesmo período de 2020. No ano a indústria acumula alta de 13,1%, e em 12 meses, 4,9%. Sempre positivo constatar melhora no desempenho deste indicador.

Sobre a arrecadação federal, assunto oportuno nos dias de hoje, tivemos registro de crescimento real importante. No acumulado do semestre, a arrecadação alcançou valores ao redor de R\$ 882 bilhões, conforme dados divulgados pela Receita Federal do Brasil. Apenas em junho, as receitas somaram R\$ 137,1 bilhões, a segunda maior para o referido mês desde meados de 1995, início da série. Tal fato obviamente deixou o superministro Paulo Guedes com esperanças renovadas, ao “enxergar um nível de receita sustentável”, como ele mesmo definiu. Porém, já avisou que a receita maior será usada para cobrir eventuais perdas com as medidas propostas na Reforma Tributária, como por exemplo redução de alíquotas e simplificação de impostos, algo que sempre prometeu. Aqui amigos, nem dá tempo de “molhar o bico”, como diz meu amigo Juquinha. Contudo, não há como desprezar tais dados, que são sinais importantes de que o pior pode estar ficando para trás, e a economia aos poucos saindo do atoleiro, mesmo com a maior parte da arrecadação (para variar) vindo do bolso do trabalhador brasileiro (aquela famosa “mordida do leão” que tão bem conhecemos). Sobre o “déficit fiscal”, assunto mais que recorrente em dia atuais, há possibilidades reais de mais “dissabores no radar”, ainda mais se aumentarem o valor do Auxílio Emergencial. Sem contar à aprovação pela Câmara de LDO-Lei de Diretriz Orçamentária- que propõe salário-mínimo de R\$ 1.147,00 já em 2022. Agora será a vez do Senado atuar.

Sobre a “tal” Reforma Tributária, ainda teremos longos capítulos e discussões. E cá entre nós, como a reforma visa buscar sua simplificação ao substituir tributos como PIS, Cofins, ICMS, IPI e ISS num sistema tributário antigo e complexo como o nosso, executá-la não é e nunca será tarefa das mais fáceis. Nem chamando o espetacular “McGyver” para resolver.

E como falar de assuntos “doloridos” tem se tornado rotina pelos lados do Ministério da Economia, um outro delicado tema mais uma vez veio à tona. De “recado em recado”, os ouvidos vão se acostumando e com isso se chega aonde se pretende chegar. E neste sentido, o Ministro Paulo Guedes reiterou mais uma vez sua disposição em tributar os dividendos. Quer dizer, bi tributar, né? Em uma fala que mistura sabiamente amarguras e doçuras, o ministro comentou que o governo prepara uma proposta ousada para a Reforma Tributária. Contudo será essencial “tributar dividendos em 20%”, para ao mesmo tempo promover a redução da tributação para 31 milhões de brasileiros, de assalariados a “pejotinhas”. Sobrou assim taxar os “os super-ricos” do país, pois afinal alguém tem que “pagar o pato”, ou a conta, certo? Tal medida facultaria reduzir a tributação de empresas de 34% para 21,5% (em alguns setores). Façam suas análises senhores e senhoras!

No campo inflacionário, indicadores importantes continuam dando sinais de que a alta da “marvada inflação” persiste, ainda que já tenhamos projeções sinalizando arrefecimento da mesma para meados de 2022. Aumentos nos combustíveis e na energia por exemplo, por si só continuam a pressionar o custo das empresas, e chegando obviamente à mesa dos brasileiros. Sem considerar ainda todo o efeito que ocorrerá às diversas cadeias produtivas, o conhecido “efeito cascata”. Há outros vilões também corroborando negativamente, como transportes e alimentos, que puxaram o índice em 1,07% e 0,49%, respectivamente.

E o que evidencia ainda mais tais “pressões inflacionárias”, foi a prévia da inflação divulgada na última semana



do mês de julho. O salto verificado de 0,72% conforme IBGE<sup>1</sup> foi a maior alta desde julho 2004, fazendo com que o IPCA-15 se mantenha acima do teto da meta de 5,25% no acumulado de 12 meses, batendo assim à casa dos 8,59%. E pelo que tudo indica, o BC-Banco Central do Brasil manterá por mais um período seu atual viés hawkish, como já sinalizado a algum tempo. O temor com a escalada da inflação reforça a tendência de alta na taxa SELIC a ser promovida pelo COPOM, que certamente as confirmará nas reuniões futuras do início de Agosto e Setembro, ancorando expectativas para uma taxa SELIC no final do ano ao redor de 7% a.a.. E os próximos passos que serão dados pelos “agentes da política monetária do país” continuará sob olhares cada vez mais atentos dos mercados, e cabe acompanharmos de perto seus efeitos e desdobramentos.

Outros dados importantes também ganharam destaques, e cabem sucinta menção, como por exemplo: i) IGPM e ii) Dados do CAGED/Vagas formais de trabalhos. Em relação ao primeiro indicador citado, dores de cabeça a vista para inquilinos, já que o índice utilizado para correções dos contratos continua sua trajetória de alta ao acumular 33,8% nos últimos 12 meses, conforme dados da FGV-Fundação Getúlio Vargas. Sobre o segundo indicador, dados a comemorar. O país abriu quase 310 mil empregos formais em junho, conforme dados do novo CAGED-Cadastro Geral de Empregados e Desempregados divulgados no final do mês pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. Na esteira, também tivemos queda de 21% (1º semestre) no número de pedidos do seguro-desemprego.

Que sigamos nesta trajetória crescente, mantendo expectativas positivas para que a economia ganhe cada vez mais tração, e que a variante delta do COVID-19 não “estrague a retomada da festa”.

Voltemos agora nossas atenções para alguns setores e dados que de alguma forma voltaram a chamar atenção positivamente. O câmbio mais depreciado e a retomada gradual das economias têm corroborado na exportações do segmento de bens de consumo e capital, como veículos e máquinas. Países latino-americanos como Argentina e Chile, vem se destacando em nossas exportações. Somente “nuestros hermanos” aumentaram o volume em 42,4% ante mesmo período de 2020. E o ganho de mercado foi real, ou seja, foi mais volume de fato vendido do que alta de preços. Considera-se ainda o avanço de 18,5% em volume nas vendas para o México, com valores atingindo US\$ 2,4 bilhões. O gigante asiático, China, continua sendo nosso principal parceiro comercial, com 34,4% das exportações brasileira do período, conforme dados da INCOMEX-Indicador de Comércio Exterior.

Em outras frentes, como crédito e agronegócios, os dados verificados também vêm surpreendendo. No crédito, se confirmado expectativas iniciais, o saldo total da carteira deve registrar um crescimento ao redor de 0,9% em junho em relação a maio, o que pode ser o melhor resultado para o mês desde meados de 2014, ainda que puxado pelo crédito destinado a Pessoa Física. A carteira de crédito para Pessoa Jurídica deve se manter estável em relação ao mesmo período. Contudo, o desempenho como um todo deve representar um avanço anualizado da ordem de 16,3%, o que não seria nada mal.

Pelo lado do agronegócio, tudo indo muito bem, só pra variar. As exportações continuam de vento em popa, ainda que as geadas em algumas regiões tenham trazido consigo preocupações com quebras em algumas culturas, como o milho por exemplo. Todavia, conforme dados divulgados pelo IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, as exportações do setor cresceram 20,9% no 1º sem de 21, fechando o mês de junho com saldo positivo de US\$10,8 bilhões. O acumulado do período fechou em torno de US\$ 61 bilhões, ante US\$ 51 bilhões no mesmo período de 2020. Como sempre falamos, o “agro brasileiro” é uma “pujança” de dar inveja! E soja e milho continuam sendo nossos “carros chefes” junto ao mercado externo, em especial a soja, que teve alta de 25,3% em valor comercializado e 2,2% em volume. E a título de informação, a China continua sendo o principal destino das exportações do agro, seguidos por União Europeia e EUA. E diante dos estoques menores na cadeia mundial, a tendência que a demanda continue forte por esses produtos.

Virando a prosa para o Exterior, fatos variados também tivemos aos montes, e vamos aqui mencionar àqueles que merecem algum destaque. Na verdade, um pouco mais do mesmo, já que alguns dos assuntos continuam

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

nos radares e olhares de investidores em todos os cantos do planeta. Na Europa, o BCE-Banco Central Europeu, através de sua presidente Mrs. Christine Lagarde, admitiu a possibilidade de mudança de direção da sua política monetária, passando assim a aceitar uma inflação mais alta o que a sua meta de 2%. Acrescentou que ainda não é o momento de reduzir estímulos e que o programa de compra emergenciais de ativos da ordem de 1,85 trilhões de Euros, e que apenas em meados de 2022 o assunto voltará a pauta. Por ora, segue o jogo! E muito embora tenha-se verificado expansão da atividade empresarial na zona do Euro em ritmo maior que o esperado, a confiança perde força à medida que a variante delta do Covid-19 ameaça colocar as “maguinhas de fora”. O temor por novas onda de infecções, ainda que com quadro de vacinações elevadas, mexe automaticamente com o ímpeto empresarial. Muitos preferem considerar que o crescimento da atividade econômica local continua sob forte risco, ainda que dados preliminares indiquem um crescimento em 2021 de 4,8%, ante contração recorde ano passado de -6,2%.

E mesmo diante deste cenário nebuloso, o PMI de serviços na região do Euro subiu de 58,3 para 60,4, o maior patamar desde junho de 2002, confirmando de fato recuperação da economia. As medidas de flexibilização das restrições cada vez maiores estão impulsionando várias atividades locais, principalmente a de serviços.

Na maior economia local, a alemã, dados da produção industrial divulgados mostraram queda de 0,3% em maio de 2021, vindo a decepcionar analistas locais que esperavam alta de pelo menos 0,5%. Menos mal que o PMI Alemão continua ainda acima de 50 pontos, o que não denota contração da sua economia. Mas por outro lado, economias também relevantes como as francesas e italianas continuam “patinando” em vários setores. Escassez de materiais para recompor estoques, problemas de atrasos em transporte e logística, e a própria variante do COVID-19, corroboram negativamente para o quadro. O mundo de fato é outro mesmo. Ajustes e adaptações ainda levará um certo tempo para acontecer de forma plena!

No campo da inflação, assunto mais que recorrente aqui e acolá. Dados divulgados indicam inflação de 2,2% na Zona do Euro, levemente acima do esperado. Em relação ao PIB local, esse cresceu 2,1% no último trimestre, acima das expectativas locais que cravavam algo ao redor de 1,5%. Contudo, a economia europeia ainda continua 3% abaixo do período pré-pandemia. E como fato novo, tivemos o BCE informando estar disposto a criar aquela que seria “sua moeda digital”. O projeto ainda mal saiu do papel é verdade e levará tempo até se concretizar. Por ora, resta aguardar.

E para não dizerem que não falamos dos países orientais, aí vai. A terra do sol nascente, mesmo em época de “olimpíadas e espírito olímpico”, resolveu se manifestar sobre as “crescentes tensões militares entre China e EUA”, que isso traz ameaça à paz e a estabilidade do leste asiático. O vice premiê japonês e Ministro das Finanças, Taso Aso San, disse recentemente às mídias locais, que seu país deveria unir forças com os EUA para defender Taiwan de qualquer invasão chinesa.

E já que citamos os EUA, rumaremos para lá. E na terra do Tio Sam vários os assuntos, como de costume. Em discurso ocorrido no início da 1ª quinzena, Mrs. Jerome Powell, deu declarações que deixou o mercado meio com a “pulga atrás da orelha”. Embora venha discursando com frequência dizendo que inflação americana possuem componentes transitórios e que a monitoram de perto, este seu recente discurso assustou os mercados, quando disse pela primeira vez que a inflação de fato está bem acima da meta, e que a dívida pública pode estar rumando a patamares não sustentáveis. Ué meu caro? Assim fica meio difícil decifrá-lo. Ou não? Vai ver que esse discurso agora meio dúbio fora proposital e bem direcionado. Pode ser a forma amena encontrada por ele para dizer que a retirada dos estímulos monetários está com dias contados, embora tenha afirmado o contrário. Fica a reflexão.

Todavia, o que vimos foi o índice de preços para gastos pessoais, o chamado núcleo do PCE, registrar alta de 0,4% frente a maio e 3,5% na comparação com o mês de junho, ficando abaixo do esperado. A título informativo, o PCE é indicador de desempenho da inflação acompanhado com proximidade máxima pelo FED, que inclusive o utiliza para balizar as eventuais mudanças de rumo na condução da política monetária local.

E como sempre ocorre, tivemos a divulgação dos seguintes dados:

- i) *Geração de Empregos e número de pedidos de seguro-desemprego*: 850 mil, foi o número de vagas criadas em junho, sem considerar o setor agrícola, evidenciando crescimento de demanda em várias frentes; 963 mil, foi o número de pedidos de seguro, abaixo de 1 milhão pela primeira vez desde março último.
- ii) *Construção de novas casas*: O número aumentou 6,3% em junho mais que o esperado inicialmente, embora com escassez de mão de obra. Ficou abaixo do patamar de março por exemplo, que foi um dos mais altos dos últimos anos.
- iii) *Variação dos estoques de petróleo*: Estoques recuaram mais que o esperado nas primeiras semanas no mês, contudo, tudo indica que os estoques subiram o equivalente a 2,2 milhões de barris no final do mês de julho. Assunto que sempre mexe com posições de contratos futuros, e de alguma forma, no preço de outros ativos.

No mais, deixamos aqui dados e projeções de indicadores para dezembro de 2021, conforme descrito abaixo:

- PIB Brasil: 5,3%
- IPCA: 6,8%
- SELIC: 7,0%
- Dólar: R\$ 5,10

**Fonte:** Boletim Focus 31/07/21

E para finalizarmos mais uma carta mensal, deixamos aqui registrado nosso agradecimento a você leitor(a) por seu tempo nesta leitura. Procuramos fazê-la de forma que essa seja a mais fácil e aprazível possível. E como sempre, mencionamos aqui pontos que nos remetem de alguma forma a “fazer boas reflexões”, e assim pensar um pouco fora do “mundo do mercado financeiro”, e que corroborem de fato para serem exercícios mentais produtivos em todos os sentidos.

E como disse um dia o grande mestre indiano, Mahatma Ghandi:

*“O tempo é o correio da vida, ele trará tudo que estiver destinado a você”. Ou ainda: “Seja você a mudança que você quer no mundo”.*

Obrigado e até o próximo mês.

O Brave I é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe majoritariamente em FIDCs, especificamente em cotas Sêniores e Mezaninos.

O Fundo rendeu 0,66% no mês ou 185% CDI, o que representa CDI + 3,52% a.a.. O Brave I superou o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início, acumulando uma rentabilidade nominal de 8,22% (210% do CDI). No ano o fundo já acumula alta de 3,55% (218% do CDI). O Patrimônio Líquido (PL) aumentou no mês aproximadamente R\$ 5.312 milhões, fechando com R\$ 115.392 milhões.

Buscando incrementar a rentabilidade do Fundo, aplicou-se aproximadamente R\$ 11 milhões em 7 ativos diferentes, cuja a rentabilidade média ponderada é de CDI + 5% a.a. A carteira fechou o mês com 21 ativos e com uma posição mantida em caixa em 4% e o índice de liquidez (%PL em até 90 dias) em 59,9%.

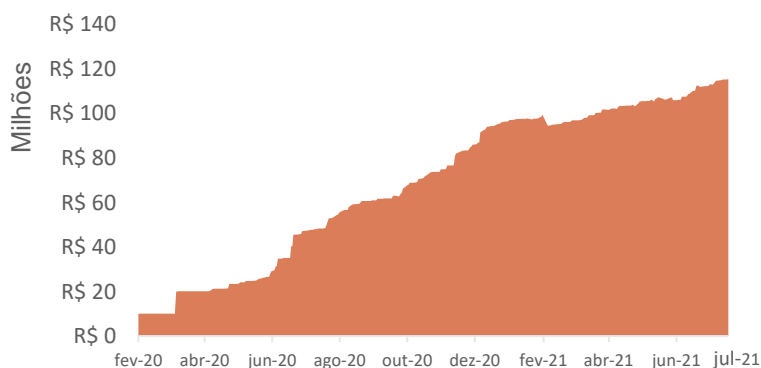
O fundo continua com a estratégia de investir em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 72% em cotas Sêniores e 24% em cotas Mezaninos, resultando em uma subordinação média ponderada de 41,25% da carteira total, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos.

Por fim, a tendência de alta da taxa Selic (previsão Boletim Focus para o fechamento de 2021 é de 7% a.a.) é algo que não oferece muitos riscos ao fundo, pois os ativos por ele investido possuem, em sua maioria, a rentabilidade atrelada ao CDI +. Dessa forma, a tendência é que com a subida da taxa Selic, suba também a rentabilidade nominal do Brave I.

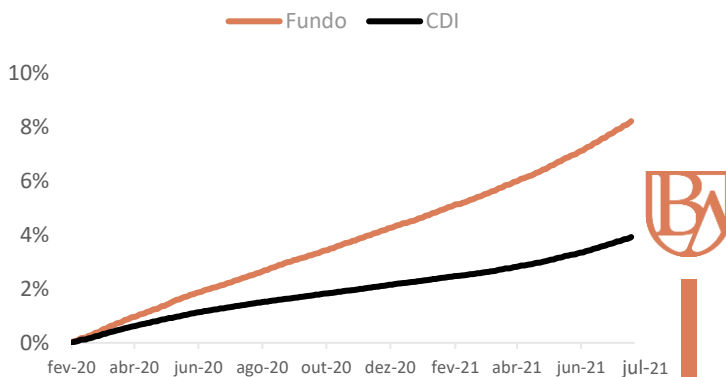
**EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI**

|      |       | Jan   | Fev   | Mar   | Abr   | Mai   | Jun   | Jul   | Ago   | Set   | Out   | Nov   | Dez   | Ano   | Início |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|
| 2020 | Fundo | -     | 0,25% | 0,53% | 0,46% | 0,45% | 0,38% | 0,41% | 0,40% | 0,37% | 0,40% | 0,37% | 0,40% | 4,51% | 4,51%  |
|      | % CDI | -     | 154%  | 156%  | 160%  | 189%  | 181%  | 209%  | 249%  | 234%  | 255%  | 251%  | 246%  | 201%  | 201%   |
| 2021 | Fundo | 0,40% | 0,36% | 0,49% | 0,46% | 0,54% | 0,59% | 0,66% |       |       |       |       |       | 3,55% | 8,22%  |
|      | % CDI | 265%  | 267%  | 248%  | 221%  | 203%  | 194%  | 185%  |       |       |       |       |       | 218%  | 210%   |

**EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO**



**RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI**



**INDICADORES**

|                    |             |
|--------------------|-------------|
| PL (R\$)           | 115.392.161 |
| Volatilidade       | 0,068%      |
| Ind. Sharpe        | 63,2464     |
| Índice de Liquidez | 59,9%       |



O Brave II é um Fundo de Investimentos Multimercado de Crédito Privado. Sua estratégia é investir em FIDCs, em cotas Subordinadas Jr., Mezaninos e Sêniores, além de outros ativos de crédito.

O Fundo rendeu 0,75% no mês ou 210% do CDI, o que representa CDI + 4,55% a.a.. Quanto ao desempenho desde o início do fundo, este foi de 13,01% (349% do CDI), superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início. O Patrimônio Líquido (PL) aumentou aproximadamente R\$ 4,9 milhão, fechando o mês com R\$ 59,8 milhões.

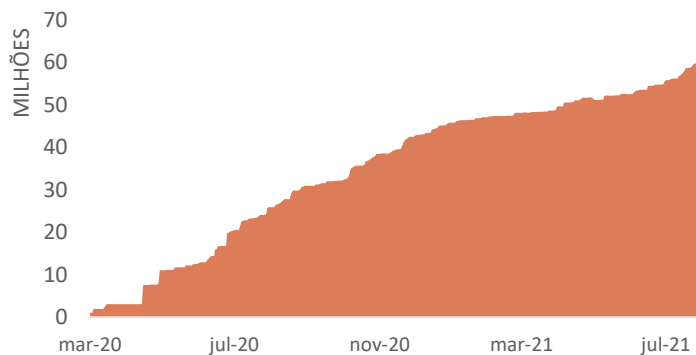
Ressalta-se que a rentabilidade do Fundo foi positivamente influenciada pelo bom desempenho das cotas subordinadas investidas (5 no total) pelo Brave II, dado que estas registraram uma rentabilidade média ponderada de aproximadamente 400% do CDI (CDI +13% a.a.). A carteira ainda é composta por mais 16 ativos. Destaca-se ainda que ao longo do referido mês, na média, a posição mantida em caixa foi de 11% do PL e o indicador de liquidez (%PL em 180 dias) se manteve em bons níveis, fechando o mês em 52,9%.

A carteira do fundo está alocada 38% em cotas Sêniores, 23% em cotas Subordinadas, 29% em cotas Mezaninos, 1% em CRA e 9% em Caixa. Sua estratégia é voltada para o investimento em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS.

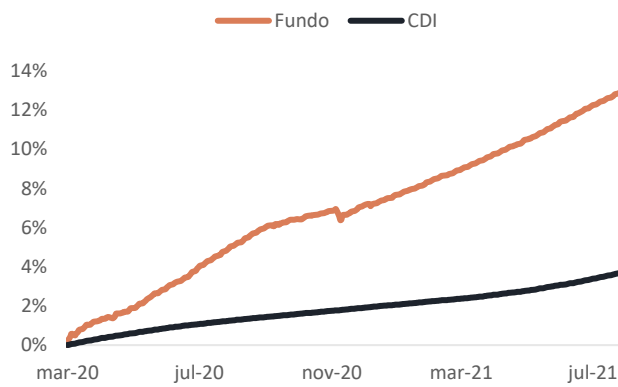
**EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI**

|      |       | Jan   | Fev   | Mar   | Abr   | Mai   | Jun   | Jul   | Ago   | Set   | Out   | Nov   | Dez   | Ano   | Início. |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 2020 | Fundo | -     | -     | 1,25% | 0,63% | 0,92% | 1,03% | 1,11% | 0,88% | 0,44% | 0,39% | 0,22% | 0,55% | 7,67% | 7,67%   |
|      | % CDI | -     | -     | 371%  | 221%  | 390%  | 484%  | 569%  | 549%  | 282%  | 249%  | 149%  | 334%  | 371%  | 371%    |
| 2021 | Fundo | 0,60% | 0,56% | 0,72% | 0,71% | 0,72% | 0,81% | 0,75% |       |       |       |       |       | 4,96% | 13,01%  |
|      | % CDI | 400%  | 414%  | 364%  | 341%  | 270%  | 264%  | 210%  |       |       |       |       |       | 305%  | 348%    |

**EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO**



**RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI**



**INDICADORES**

|                    |            |
|--------------------|------------|
| PL (R\$)           | 59.773.429 |
| Volatilidade       | 0,56%      |
| Ind. Sharpe        | 16,45      |
| Índice de Liquidez | 52,9%      |



# DISCLAIMER

I - Este material não se configura um relatório de análise, conforme a definição da Instrução nº 598/2018 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tampouco uma consultoria de valores mobiliários, conforme a definição da Instrução CVM nº 592/2017.

II - Esta mensagem tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, recomendação de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários e seus emissores que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento.

III - Investimentos ou aplicações em títulos e valores mobiliários envolvem riscos, podendo implicar, conforme o caso, na perda parcial ou integral do capital investido ou ainda na necessidade de aporte suplementar de recursos.

IV - A presente publicação e todos seus elementos literais e gráfico constituem uma obra autoral protegida, estando os direitos sobre a mesma reservados.

V - A Brave Asset não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização deste material para quaisquer finalidades.

VI - Quaisquer referências e rentabilidades passadas não significam de qualquer forma a garantia ou previsibilidade de rentabilidades futuras.

VII - O Investimento em fundos não é garantido pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Este material não deve ser considerado a única fonte de informação para embasar qualquer decisão de investimento. Dentre outras fontes, ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, antes de Investir.

VIII - As opiniões expressas neste material podem ser alteradas sem prévio comunicado e não constituem oferta de compra ou de venda de títulos ou valores mobiliários ou de instrumentos financeiros de qualquer espécie. Por conseguinte, a Brave Asset se isenta de toda e qualquer responsabilidade por eventuais prejuízos decorrentes de decisões tomadas por investidores com base no conteúdo deste material. Para mais informações, acesse: [www.braveasset.com.br](http://www.braveasset.com.br)







**Brave Gestora de Recursos Ltda.**

Itaim Bibi – SP | Rua Bandeira Paulista, 275, CJ 111

[www.braveasset.com.br](http://www.braveasset.com.br)

Fone: +55 11 2330 0130

Contato: [ri@braveasset.com.br](mailto:ri@braveasset.com.br)

